

ESTUDOS CULTURAIS, GÊNERO E FEMINISMO LATINO-AMERICANO

Joyce Otânia Seixas **RIBEIRO**¹
Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA
joyce@ufpa.br

Na apresentação desta indispensável obra para o atual debate e reflexão sobre gênero, feminismo e Estudos Culturais, a autora, Jean Franco, é apresentada ao público brasileiro como uma feminista, intelectual de esquerda latino-americanista e pesquisadora interdisciplinar, conhecida não só na América do Sul, mas na Europa e na América do Norte. Seu reconhecimento nestes três cantos resulta da seriedade de seus estudos marcados por uma crítica comprometida com a “[...] democratização do conhecimento e a transformação de instituições educacionais e culturais” (PRATT; NEWMAN, 2005, p. 13-14). Como seus ensaios mais importantes não foram publicados no Brasil, este livro cumpre a tarefa de reparar esta lacuna com ensaios que tratam de Estudos Culturais, estudos de gênero, feminismo e literatura latino-americana.

Franco busca contribuições em Raymond Williams, E. P. Thompson, Nancy Fraser, Fredric Jameson, Judith Butler e Tereza de Laurentis, abrindo caminho na complexa inter-relação entre cultura erudita, cultura popular e cultura de massa, tendo sempre presente o contexto político relativo aos regimes militares da América Latina, bem como os novos contornos e exigências culturais da atual etapa do capitalismo. A inovação de sua análise cultural fica por conta da inclusão de categorias como sobrevivência, ética e referencialidade, que constituem a reflexão e crítica cultural da autora. Em vista disso, Franco é presença em conferências, seminários e programas televisivos.

O livro apresenta seis ensaios. O primeiro, *La Malinche: da dádiva ao contrato sexual* trata das representações de La Malinche ou Dona Marina, nome de batismo, entre os cristãos, de uma indígena que foi companheira

¹ Professora de Didática do Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA; líder do GEPEGE – Grupo de Estudos e Pesquisa Gênero e Educação; doutoranda no PPGED/ICED/UFPA.

e intérprete de Cortez no período da conquista do México. Franco argumenta que muitas e paradoxais são as representações de Dona Marina. Para Todorov, Dona Marina é crucial como intérprete e intermediária, e sem sua colaboração a conquista do México seria irrealizável. Para Greenblatt, ela é a única pessoa capaz de entender as duas culturas, a dos europeus e a dos indígenas e, naquele momento, a língua era necessária para que a comunicação fluísse entre ambos. Francisco Lopes de Gómore a representa como escrava que ganhou liberdade de Cortez para ser colaboradora da coroa espanhola, pois quando Cortez soube que Dona Marina era bilíngue, logo a trouxe para junto de si; as crônicas e os códices indígenas a representam também como intérprete e algumas tradições populares, como a Virgem. Para o historiador oficial de Cortez, Bernal Díaz de Castillo, Dona Marina era de origem nobre e o membro mais importante da comunidade indígena depois de Montezuma. Além de ser intérprete, Dona Marina trabalhou pela conversão dos indígenas ao cristianismo; o evento mais importante, descrito por Castillo, é a traição de Dona Marina, pois esta denuncia a conspiração de Cholula, o que leva Cortez a uma ação violenta contra os indígenas que foram mortos barbaramente.

Dona Marina também é representada como companheira de Cortez, o que merece reflexão a partir de sexualidade e de gênero. Outros contextos e situações merecem análise, sempre com referências a gênero e sexualidade, como sociedade patriarcal, sobrevivência, contrato sexual e mestiçagem. Dona Marina ocupa muitos lugares, tanto na esfera privada como na pública: é mulher, mãe, companheira, indígena e colaboradora da coroa espanhola; por isso é considerada como símbolo do hibridismo cultural que deu origem ao México moderno, já que, naquele momento, foi a única pessoa capaz de entender as duas culturas.

O ensaio, *Manhattan será mais exótica neste outono: a iconização de Frida Kahlo*, traz uma reflexão sobre a politização e comercialização do privado. Para Franco, atualmente o mito do nacionalismo está em crise no México. O novo Estado mexicano procura romper com o passado imperialista e de bem-estar social, cedendo lugar “[...] às forças de mercado que se encarregam de regular a prosperidade, o bem-estar e a liberdade” (FRANCO, 2005, p. 53). Neste panorama, com a privatização, é engendrado um novo sistema de representação que tem invadido e

orientado a vida cotidiana. Para ilustrar como a imagem do Estado-Nação tem sido alterada pelo mercado cultural, Franco analisa o evento “México como Obra de Arte”, realizado em Nova York em 1990. Nesse evento, a Mulher foi tomada como mediadora do novo México e esta escolha, segundo Franco, é justificada na medida em que “[...] as mulheres, [...] como artistas, estiveram à margem das exposições de maior envergadura” (FRANCO, 2005, p. 57). Na exposição, o quadro responsável pela publicidade é o *Autoretrato con Monos*, de Frida Kahlo. Para Franco, a obra de arte já vem sendo usada como publicidade há muito tempo, entretanto, a escolha da obra de Kahlo, uma mulher com posições políticas bem definidas, com telas que representam o irrepresentável, tanto para o mito nacionalista quanto para a esquerda, parece, no mínimo, inusitada. As resenhas da exposição, bem como os meios de comunicação enfatizam a experiência feminina e, como de costume, dicotomizam a esfera privada da esfera pública, logo, a mulher da arte. Tudo o que Kahlo não fez com esta tela. O uso de Kahlo pela publicidade é só um exemplo de apropriação da arte pelo Estado e pela empresa privada, pelos grupos que detêm o poder de representação, regulando os modos de ser e de agir no presente de pessoas e grupos marginalizados.

No ensaio, *A Incorporação Social das Mulheres*, o objetivo de Franco é analisar como o feminino é constituído em tempos de multinacionais e de centralidade da publicidade produzida nos Estados Unidos. A autora analisa a narrativa romântica como forma de publicidade. Assim, para Franco, as narrativas românticas (ficção romântica, novela semanal, livro semanal, o seriado de TV, fotonovelas – conhecidas nas versões romance “rosa” e romance vermelho) representam a diferença das mulheres, considerando sua posição de classe, assim como as variadas formas de inserção no mercado de trabalho. Temas como ética de consumo, liberação sexual, amor individual, desejo de aprovação social, mundo do trabalho, machismo, adaptação às normas tradicionais são objetos destes romances. Desta literatura romântica a autora seleciona, *As Arlequim* e o *Livro Semanal*, para analisar o que denomina de historietas. Fredric Jameson argumenta que este gênero de romance é resquício de um mundo de cavalaria já desaparecido, mas que persistem nos dias atuais, através de uma estrutura que leva a um final feliz. A crítica feminista representada por Ann Snitow, Rosalind Coward, Tania Modleski e Janice

Radway também se ocupa destes romances. Em ambas narrativas são apresentados temas como sexualidade, família, casamento, homem ideal, geração, alcoolismo, valores, moral, tradição e vida pública. Nas *Arlequim*, o romance e o casamento, são considerados prêmios para as mulheres que sabem exercer seu poder feminino (sedução); nos livros semanais, a família não é considerada como a única fonte de satisfação para a mulher, já que esta trabalha; não há modelo único para o masculino e o feminino, sendo estes representados de acordo com a sua posição de classe. Para Franco, nesta atual fase do capitalismo, a tônica é a pluralidade. Ao final, tanto o romance “rosa”, das *Arlequim*, como o livro semanal representam a incorporação da mulher na sociedade, reforçando a exploração e a ausência de solidariedade feminina.

Em *Matar sacerdote, Freiras, Mulheres e Crianças*, Franco trata da violência dos militares em países da América Latina, como Chile, Brasil e Argentina, violência materializada em perseguições, torturas, assassinatos e desaparecimentos contra a comunidade indígena, a família e a Igreja. Durante os regimes militares, neste continente, estas instituições foram atacadas com a intenção de destruir a imunidade de mães, crianças, freiras e padres, fazendo desaparecer a dimensão sagrada e de refúgio que lhes são inerentes. Para Franco, estas investidas seguem o compasso das alterações das representações que circulam sobre elas, ocasionadas por manifestações como “panelas vazias”, de mulheres chilenas, e pelo surgimento de uma religião mais flexível, emitindo sinais de mudanças que passam despercebidos. Este processo é denominado de desterritorialização, pois as representações são recodificadas tanto pelo capitalismo, como pela esfera privada.

Na América Latina, a profundidade do significado de refúgio e a dimensão sagrada da família e da igreja só podem ser plenamente compreendida a partir do conhecimento do poder tradicional destas instituições e, só a partir disso, é possível conhecer o significado dos governos militares. Estes espaços, além de deterem um valor de proteção, detêm valores imaginados, que logo são transformados em valores dominantes. O que faz Franco é historicizá-los e revelar como espaços representados como refúgio e espaços felizes foram objeto da violência naquele período.

Invadindo o Espaço Público: transformando o espaço privado reflete a separação entre as esferas do privado e do público, suas consequências, em

especial, a emergência dos “novos movimentos sociais”², na década de 80, na América Latina. Para Franco, neste período é notável o crescimento de grupos feministas e sua influência; cresce também o número de escritoras, o que visibiliza um dos problemas enfrentados pelas mulheres, o de sua posição como intelectuais.

Considerando isso, Franco analisa a atuação das mulheres, mães e intelectuais nos movimentos sociais no Brasil, no México e no Chile. Para a autora, as escritoras vivem este dilema por serem, a um só tempo, privilegiadas e marginalizadas. Uma possível solução é a prática da literatura testemunhal. A literatura testemunhal é eficaz no relato de histórias da conversão e da conscientização, e mostra o rompimento com o tabu de as mulheres tornarem-se políticas. A literatura latino-americana tem sido amplamente comercializada e é necessário ir além do romance heterossexual e da condescendência com as classes populares. Muitas escritoras re-examinam a dicotomia público/privado e se detêm nesta última, como fizeram Beauvoir, Lispector e muitas outras escritoras latino-americanas, que retomaram o caráter estético do doméstico, do corpo, da sexualidade, do privilégio e do Outro.

Das Margens ao Centro: tendências recentes na teoria feminista faz uma reflexão sobre os problemas da sexualidade, da representação de *gays* e lésbicas, questionando os estereótipos e a manifestação de afetividade, entre estes considerada abjeta, já que a afetividade é supostamente uma manifestação e expressão do feminino. Colocando a reflexão sobre a sexualidade como uma inovação e a vanguarda na teorização feminista, Franco traz para o debate a teoria *queer*, e inclui o que denomina de “atravessados”, o Outro homossexual estereotipado, marginalizado e que tem se representado performativamente. A performatividade é parte fundamental da sensibilidade, nos dias atuais.

Neste debate, aciona Butler, de Laurentis e Anzaldúa, para afirmar que a *performance* é a expressão material da precariedade da identidade no contexto atual. No começo da “[...] década de 90, a politização da cultura *gay*, tanto nos Estados Unidos como na América Latina, durante a crise

² “Movimentos de Mães do Cone Sul, Movimentos camponeses, comunidades católicas de base, movimentos sindicais e lutas locais em torno de necessidade básicas (FRANCO, 2005, p. 123).

da Aids, confere um novo sentido à *performance* e à paródia pública, já que uma das formas que homens e mulheres *gays* podem adquirir visibilidade na esfera pública é através da encenação de identidades estereotipadas” (FRANCO, 2005, p.165). Assim, Franco posiciona o travestismo e o lesbianismo como centrais na teoria feminista, desconstruindo a ideia do gênero como construção social, do sexo como natural e da heterossexualidade compulsória.

REFERÊNCIAS

FRANCO, J. **Marcar Diferenças, Cruzar Fronteiras**. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC/Minas, 2005.